

# A variação da ordem pronominal em complexos verbais na variedade moçambicana do Português

*The Variation of Pronominal Order in Verb Complexes in the Mozambican Variety of Portuguese*

Bento Orlando Mutoba

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) | Feira de Santana | BA | BR  
CAPES  
bentomutoba99@gmail.com  
<https://orcid.org/0009-0007-9629-0282>

Norma Lucia Fernandes de Almeida

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) | Feira de Santana | BA | BR  
normauefs@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-3369-4251>

**Resumo:** Este artigo analisa a variação da ordem pronominal em complexos verbais na variedade moçambicana, com intuito de compreender o seu nível de ocorrência e encaixe na matriz linguística e social. Constitui uma das preocupações da sociolinguística - na sua interseção com diversas perspectivas de abordagem dos estudos de linguagem - o entendimento do encaixamento do fenômeno em variação a fim de se descrever as tendências que dele se observa. Para tanto, este estudo ancora-se no aporte da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]), tendo o seu *corpus* constituído com base em falas extraídas de 3 vídeos de 3 programas televisivos da cidade de Maputo (Sul) e cidade de Nampula (Norte). Considerou-se um total de 8 informantes (4 por cada cidade) para constituição da amostra da pesquisa. Os resultados apontam que a variação da ordem pronominal em complexos verbais no Português falado em Moçambique, que se reflete por meio da produtividade da variante intra-CV com próclise ao verbo temático infinitivo independentemente do contexto morfossintático, apresenta um grau de encaixamento bastante significativo na matriz linguística e social, o que nos leva a pensar numa possível mudança em curso na variedade moçambicana em detrimento da norma europeia que vigora como padrão em Moçambique.

**Palavras-chave:** variedade moçambicana; colocação pronominal; complexos verbais; encaixamento.



**Abstract:** This paper analyses the variation of the pronominal order in verbal complexes in the Mozambican variety of portuguese, with the aim of understanding its occurrences and how it fits into the linguistic and social matrix. One of the concerns of sociolinguistics - in its intercession with various perspectives of language studies - is to understand the embedding of the phenomenon in variation in order to describe the tendencies that can be observed in it. To this end, this study is based on the Theory of Variation and Change (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]), and its corpus is made up of speeches extracted from 3 videos of 3 television programs from Maputo city (South) and Nampula City (North). A total of 8 informants (4 for each city) were considered to constitute the research sample. The results show that the variation in pronominal order in verb complexes in Mozambican Portuguese, reflected in the productivity of the intra-CV variant with proclisis to the infinitive thematic verb regardless of the morphosyntactic context, shows a very significant degree of embedding in the linguistic and social matrix, which leads us to think of a possible change in progress in this variety when compared to the European one, which is taken as the standard norm in Mozambique.

**Keywords:** Mozambican portuguese; pronominal collocation; verb complexes; embedding.

## 1 Introdução

Os estudos sociolinguísticos são desenvolvidos atendendo a vários pressupostos que permitem sustentar, sobre o “objeto língua”, o ponto de vista de que as dinâmicas de qualquer língua natural podem ser mais bem compreendidas considerando a sua relação com a sociedade, em que estão envolvidos vários aspectos que ajudam a explicar a diversidade da língua falada/sinalizada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso.

A abordagem dos estudos de linguagem exige atenção a vários aspectos, como o problema de “encaixamento”, por exemplo, fundamental na sociolinguística. Esse conceito foi abordado por Weinreich, Labov e Herzog (1968), para explicarem que qualquer fenômeno sob investigação deve ser visto como encaixado no sistema linguístico, elucidando a natureza e extensão desse encaixamento na estrutura linguística, como também na estrutura social referente ao encaixamento social e geográfico.

Os autores anteriormente citados acreditam que, no encaixamento da variação, o contexto linguístico que favorece um determinado tipo de mudança desencadeia outros, em possíveis relações em cadeia, por isso uma análise restrita é insuficiente para dar conta da mudança.

Desta feita, o encaixamento deve ser observado tanto na *estrutura linguística* - que pode se dar da covariação com elementos linguísticos e extralinguísticos, como na *estrutura social*, havendo a necessidade de se olhar para uma determinada comunidade de fala para entender como o ambiente social influencia na variação, o que pode levar à mudança linguística.

Posto isto, entendemos que a variedade moçambicana do Português, embora bastante recente devido ao pouco tempo que Moçambique conseguiu a sua independência do jugo colonial, vai cada vez mais ganhando uma dinâmica própria. Apesar de Moçambique ser um país com cultura de língua padrão no qual a preocupação em se ajustar aos modelos da norma-padrão é grande, tem sido comum, na modalidade oral dos falantes, registrar sentenças como:

- (1) *Sabe, desse jeito, a ferida **vai se apresentar** com dificuldade para sarar devido à fragilidade das células que não conduzem o açúcar para aquela região da ferida. E numa fase avançada o paciente pode desenvolver problemas graves de vista devido a dilatação da pupila.* (Fii, I-FN)
- (2) *A minha não é sentença, a minha revolta **não pode me dar** cadeia, a minha revolta é de um filho que não tem pão.* (Fii, I-CM)
- (3) *[...] se **tiverem que me prenderem** que me prendam aqui, as cadeias não foram feitas para animais.* (Fii, I-CM)

Nas sentenças (1) a (3) da variedade do PM há, nos complexos verbais, colocação de clíticos pronominais em contextos não licenciados pela norma europeia: (1) ocorrência do clítico pronominal na posição intracomplexo verbal (intra-CV) com próclise ao verbo principal (v2) em contextos em que o complexo verbal (adiante CV) é precedido por apenas sintagma nominal (SN) com função gramatical de sujeito.

Em (2) temos na 2<sup>a</sup> oração coordenada assindética uma categoria negativa (não) na posição pré-CV e clítico no interior do complexo verbal (CV), com próclise ao verbo infinitivo temático, contexto em que a norma da variedade europeia não permitiria a ocorrência do clítico no interior do CV devido à presença de um elemento proclisador (não), e havendo, assim, apenas a possibilidade de próclise (cl v1 v2) ao verbo auxiliar ou ênclide ao verbo principal (v1 v2-cl).

Na sentença (3) temos o clítico na mesma posição que se encontra nas sentenças (1) e (2), todavia diferindo-se das demais pelo fato de ser um contexto frásico reconhecido pela norma padrão europeia que vigora em Moçambique.

Assim, na variedade moçambicana parece haver uma crescente tendência, em complexos verbais, de se favorecer uma ordem (v1 cl v2), independentemente do contexto, diferente daquela que é produtiva na variedade europeia (v1-cl v2) de acordo com Vieira (2016).

Nesse prisma, buscamos, no geral, analisar a variação da ordem pronominal em complexos verbais no Português falado em Moçambique. De modo específico, buscamos descrever a colocação pronominal em complexos verbais no Português falado em Moçambique; avaliar o nível de ocorrência e de encaixe da variação da ordem pronominal em complexos verbais na matriz linguística e social no Português de Moçambique (adiante PM).

Uma das nossas motivações alinha-se ao fato de a ordem pronominal em estruturas verbais complexas ser pouco descrita nos estudos sobre o tema – que se ocupam, em sua

maioria, das lexias verbais simples (Vieira, 2023). Metodologicamente, importa referir que se trata de um estudo descritivo e exploratório e, para tanto, apropriamo-nos do *corpus* constituído com base em falas extraídas de 3 vídeos de 3 programas televisivos da cidade de Maputo (Sul) e cidade de Nampula (Norte); onde, em função da possibilidade do controle do perfil, consideramos um total de 8 informantes (4 por cada cidade) para a amostra da pesquisa.

Em estruturas complexas é desafiador identificar a posição exata do clítico quando ocorre no interior do CV, à medida que ele pode estar hospedado na posição enclítica do v1 ou proclítica do v2. Em torno disso, observamos alguns pontos que fundamentam a nossa percepção sobre a ordem do clítico no interior do CV, como parâmetros acústicos (duração, intensidade), o modo da apresentação dos constituintes morfossintáticos, a posição dos elementos intervenientes no interior do CV.

## 2 Nota situacional sobre o Português em Moçambique

Moçambique – país localizado no sudeste do continente africano, África austral, e banhado pelo oceano Índico a leste e que faz fronteira com a Tanzânia ao norte; Malawi e Zâmbia a noroeste; Zimbabwe a oeste e Essuatíni e África do Sul a sudoeste – é hoje um dos países africanos de expressão portuguesa tal como Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, devido à presença dos portugueses nos seus territórios, que resultou na colonização que se refletiu tanto a nível sociocultural, ideológico, assim como linguístico; este último, por exemplo, se deu por meio da evangelização e por imposição do uso da língua portuguesa em diferentes contextos sociais, em detrimento das várias línguas que coabitam com a língua portuguesa nos países africanos.

De acordo com Ngunga (2012), estima-se a existência de mais de 20 línguas do extrato bantu faladas em Moçambique. Por conta dessa diversidade linguística, após o alcance da independência nacional em 1975, o português passou a ter o estatuto de língua oficial, de ensino e de unidade nacional.

Antes da independência, o português da metrópole era prescrito como norma padrão para toda a vida pública no seio da política de assimilação portuguesa. Nesse sentido, a política ultramarina na altura tencionava como objetivo a ‘longo prazo’ transformar todos os moçambicanos em cidadãos linguística e culturalmente semelhantes aos portugueses, e todo desvio era tido como erro e violação do “bom Português”. Após a independência, embora alguns linguistas como Ngunga (2004), Gonçalves (2005, 2010) e Mendes (2010) comecem a considerar algumas particularidades do PM, principalmente a nível lexical, a variedade do português europeu continua como norma padrão em Moçambique; a recente saída dos portugueses do território nacional é apontada como uma das razões de ainda não haver condições para a oficialização de uma norma nacional.

Nesse sentido, Moçambique adota ainda a cultura de língua padrão em efeito da forte pressão da norma da variedade europeia do Português como modelo de língua portuguesa (LP). Essa cultura se dá até hoje pela crença na correção e na ideologia do padrão, sendo, normalmente, qualquer variedade alheia a norma padrão vista como errada, pois na consciência de muitos falantes só uma variante de uso da língua pode estar certa e acreditam que a língua existe apenas de forma padronizada (Mutoba e Almeida, 2023).

No entanto, mesmo vigorando a norma da variedade do PE como padrão em Moçambique, observamos com naturalidade a ocorrência de alguns desvios em quase todos falantes moçambicanos e contextos de uso da língua portuguesa (Gonçalves, 2010; Mutoba e Almeida, 2023; Nhatuve, 2017, Timbane (2012), Timbane 2017), tal é o caso do fenômeno da colocação dos clíticos pronominais em complexos verbais que parece não depender muito do contexto morfossintático ou frásico, diferentemente da variedade europeia que, por exemplo, é dependente de certos contextos, como a presença de elementos proclíticos na sentença. A seguir passamos a tratar dos padrões sobre a ordem dos clíticos pronominais em grupos verbais à luz da norma europeia.

### 3 A gramática dos clíticos pronominais em complexos verbais

No âmbito da colocação pronominal, importa referir que existem duas gramáticas autônomas, que podem ser tomadas como referência para a discussão sobre o tema: a da variedade europeia e a da variedade brasileira. Destarte, apresentamos os padrões sobre a ordem dos clíticos pronominais em grupos verbais à luz da norma europeia, tecendo algumas considerações da variedade brasileira.

Os pronomes clíticos, também designados de pronomes átonos ou clíticos especiais, “correspondem às formas átonas do pronome pessoal que ocorrem associados à posição dos complementos dos verbos” (Brito; Duarte; Mattos, 2003, p. 826-827). Eles caracterizam-se, de acordo com Mateus et al. (2003, p. 831), por não ter uma posição fixa relativamente ao seu hóspedeiro, podendo precedê-lo (próclise), seguí-lo (ênclise) ou ocorrer no seu interior (mesóclise).

Segundo Brito; Duarte e Mattos (2023), os pronomes clíticos têm um comportamento uniforme quanto aos padrões de colocação, isto é, todos eles exigem um hóspedeiro verbal, “o que se traduz numa vizinhança entre o clítico e uma forma verbal, finita ou não finita” (Brito; Duarte e Mattos, 2003, p. 847). E podem ocorrer à direita ou à esquerda do hóspedeiro, porém essas posições não se encontram em variação livre, significa que a sua variação depende de determinados contextos morfossintáticos. Desse modo, a seguir buscamos compreender como ocorre a hospedagem dos clíticos nos diferentes contextos possíveis na variedade do português europeu.

#### 3.1 Variedade do Português Europeu

Na variedade do português europeu, de acordo com Brito; Duarte e Mattos (2003, p. 849-850), a posição enclítica é o padrão básico e marcado; e a posição proclítica é induzida por fatores de natureza morfossintáticas. Igualmente, autores como Carneiro (2016), Vieira, F. (2011), Vieira, F. (2016) e Vieira, S.e Vieira, F. (2018), ao explicarem a abordagem tradicional sobre a colocação dos clíticos pronominais, salientam que a ênclise ao verbo auxiliar ocorrerá quando não houver um contexto favorecedor da variante proclítica ao verbo auxiliar.

Nesse sentido, nas estruturas verbais simples, a ênclise ao verbo finito é regra geral, exceto em contextos que existam algumas condicionalidades que exijam a próclise. E essa propriedade se dá também com os verbos auxiliares nos grupos verbais quando há subida de

clítico<sup>1</sup>. Sendo assim, é importante de alguma forma ter-se o conhecimento dos padrões de colocação dos clíticos em uso em construções de uma só forma verbal no PE.

Conforme já avançado *a priori*, nas descrições gramaticais do português europeu, a ênclise em estruturas verbais simples sempre é possível em contextos sem nenhuma categoria proclisadora, ainda que haja antecedência de algumas categorias sintagmáticas, como SN, seja em oração principal (*Sim, pedi-lhe que ele fizesse*) ou coordenada (*O crime é inextirpável, mas o combate dissuade-o e pune-o*).

Por seu turno, Martins (2016), ao estudar sobre a colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia, observa que o sistema do português europeu contemporâneo apresenta próclise e ênclise quer em frases finitas, quer em frases não finitas, com as duas ordens em distribuição complementar nas frases finitas, mas em variação livre em alguns tipos de orações infinitivas.

Assim, a próclise é normalmente possível em determinados contextos morfossintáticos ou frásicos, como em contextos nos quais há ocorrência de algumas categorias funcionando como atratores, tal é o caso de conjunções em subordinadas finitas, pois Martins (2016) explica que, se o clítico ocorrer dentro de uma oração subordinada fica na posição proclítica, todavia, se pertencer a uma oração principal, ocorre na posição enclítica.

Além disso, são também operadores da próclise as categorias negativas (*não, nunca, jamais*); quantificadores (*ambos, bastante, demasiado, demasiados, mais, menos, muito, pouco/s, raramente, suficientes, tal, tais, tão, todo/s, todo, tudo*); sintagmas QU- (*que, o que, quem, onde, quanto, como, quando, por que*); advérbios (*até, só, lá enfático, também, sempre, já, talvez*); marcadore de foco (inclusivos: *também, até, mesmo*; exclusivos: *apenas, só, somente, logo, antes; aspectuais: ainda, já, quase, mal, talvez*); marcadores de ênfase (*até, sempre, já*); dêiticos locativos (*aí, ali, aqui, cá, lá*). (Martins, 2016).

Existem também contextos que tornam possível a variação entre próclise e ênclise com o infinitivo simples, devido à natureza de algumas preposições que não são categóricas em relação à necessidade da ênclise ou próclise (de, a, com), significa que estas aceitam tanto a ênclise quanto a próclise (*Não parou de se queixar o tempo todo; Não parou de queixar-se o tempo todo*).

Relativamente às estruturas construídas por duas ou mais formas verbais com algum grau de integração sintático-semântica, e que constituem os chamados complexos verbais, buscamos referência nos estudos de Vieira, S. (2002); Vieira e Vieira, (2018) que estudaram a ordem dos clíticos pronominais na variedade oral do PE, tendo observado que a variante mais utilizada ou efetiva é a intra-CV com ênclise ao verbo auxiliar/v1 (*deixou-me a pensar no quarto; pode-me entregar essa lista?*). E além da variante enclítica a v1, também se registra com produtividade a ênclise à segunda forma verbal (*pode entregar-me essa lista?*), salvo os casos da existência de proclisadores, conforme Vieira e Vieira (2018) explicam:

A presença de elementos proclisadores, embora favoreça a próclise ao complexo (*que me pode dizer*), não apresenta atuação categórica, tendo havido também ênclise à primeira forma verbal (em complexos com gerúndio e particípio, como em *que vem-me visitando* ou *que tinha-me encontrado*) ou à segunda (em complexos com infinitivo, como em *que pode dizer-me*). Não havendo elemento proclisador, a ênclise – a v1 ou a v2-constitui opção natural. Clíticos imediatamente antes de v2 ficam restritos a complexos com *ter que/de* – o que não permite afirmar uma efectiva próclise a v2 (Vieira; Vieira, 2018, p. 284).

<sup>1</sup> Consiste na seleção de um verbo do qual o pronome clítico não é dependente para hospedeiro verbal (Brito; Duarte, 2003, p. 857), ou seja, quando o clítico se hospeda no verbo auxiliar, tanto posição enclítica, quanto na proclítica.

Entendemos com isso que, assim como nas construções com uma só forma verbal, a ênclise é produtiva na variedade do PE em contextos sem elementos proclisadores, sendo que nos grupos verbais a ênclise pode se dar, tanto no v1, quanto no v2, embora, diferentemente das dos padrões descritos pelas gramáticas, haja também algumas variações em contextos que se prevê uma determinada ordem.

Todavia, Vieira, F. (2011) esclarece que a variação da colocação dos clíticos pronominais em complexos verbais decorre também em função da forma em que o verbo principal aparece, pois em algumas formas nem todas as posições são possíveis, isto é, em orações com participípio e gerúndio, a posição pós-CV pode não ser admitida; normalmente, admite-se, na ausência de um atrator, a ênclise ao v1 e, na presença deste, admite-se a próclise. Assim, a autora descreve, ao interpretar a gramática de Mateus *et al.*, (2003), que:

Quando o verbo principal está no participípio ou no gerúndio, o clítico aparece obrigatoriamente proclítico (caso haja elemento “atrator” do pronome) ou enclítico ao verbo auxiliar (*Ele tinha-a chamado para a festa*). Nas construções com verbos semiauxiliares do tipo aspectual que selecionam infinitivos preposicionados, na presença de um elemento proclisador, há o favorecimento da subida do clítico com as preposições *a* e *de* (*Ele não lhe começou a dizer a verdade*), mas com a preposição *por*, isso não ocorre (*ele acabou por se esquecer do casamento*) (Mateus *et al.*, 2003, p. 25)

Nessa linha, é verdade afirmar que os complexos verbais com verbo principal no infinitivo é que admitem as quatro variantes possíveis (cl v1 v2, v1-cl v2, v1 cl v2, v1 v2-cl). É, justamente, nestas construções que a ênclise é possível no v1 ou no v2; e a próclise é possível ao verbo auxiliar quando houver antecedência de um atrator, e ao verbo principal infinitivo quando também estiver antecedido por um elemento proclisador, como é o caso das construções com as preposições *de* e *por*, nas quais ocorre obrigatoriamente a posição proclítica ao verbo principal (*Ele deixou **de lhe dizer** a verdade*).

Ainda na senda dos estudos da colocação de clíticos pronominais em grupos verbais, Vieira, F. (2011) na sua dissertação intitulada “A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no Português europeu oral contemporâneo: uma investigação sociolinguística”, explica que na modalidade oral do PE, em complexos verbais, a variante mais utilizada é a intra-CV, em que o clítico está, na maioria dos casos, enclítico a v1, sendo possível a próclise com a atuação dos atratores.

Por seu turno, Vieira, F. (2016) observa que na oralidade, a variante intra-CV é produtiva tanto na variedade europeia, como na variedade moçambicana e brasileira do Português. Porém, com ênclise a v1 na variedade europeia e moçambicana (embora nesta última a autora reconheça margens de dúvida) e, conforme se lê também em Martins (2016); Carneiro (2016); Vieira, F. (2016); Vieira e Vieira (2018); Araújo e Silva (2019), com próclise generalizada ao V2 na variedade brasileira, quer com as formas finitas quer com as formas não finitas do verbo, incluindo o infinitivo, o gerúndio e o participípio passado. Exceto em alguns casos cristalizados nas três variedades como: *isto hoje fez-me pensar... fez/fez-me pensar... muito; aí resta-nos saber onde é que está? trata-se* de olhar para frente e seguir.

Já Martins (2016) entende que as variedades orais africanas do português, incluindo a moçambicana, seguem em alguns casos a norma europeia, mas com “uma pequena margem de variação próclise/ênclise em contextos que no padrão europeu apenas permitem

uma das ordens” (Martins, 2016, p. 410). E nessas variedades é sonante ainda o problema levantado por Vieira, F. (2016) referente à dificuldade de determinar com firmeza, pela simples audição dos enunciados, que, em um enunciado como *<pode me dar>*, o *<me>* esteja ligado ao *<pode>* ou ao *<dar>*.

Assim, será importante entender o tipo dos verbos, clíticos entre outras variáveis envolvidas nos dados dessa pesquisa, para compreendermos o nível de ocorrência e encaixe da ordem pronominal em CV na matriz linguística e socialda na variedade moçambicana do português, através da metodologia que a seguir apresentamos.

## 4 Caminhos metodológicos

Este artigo baseia-se na Teoria da Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 1968 [2006]), do campo da sociolinguística, que procura analisar e sistematizar as variações linguísticas usadas por uma comunidade de fala, tendo sempre em mobilização os fatores internos e externos que podem influenciar a dinâmica de qualquer língua.

Desse modo, Trindade (2021), ao interpretar a teoria de William Labov da variação e mudança, explica que:

Os sociolinguistas estudam a relação entre língua e sociedade, mostrando a variação e mudança linguística a partir dos pontos de vista diacrônico e sincrônico, entendendo que a língua possui um funcionamento dinâmico e não mecânico, articulando o comportamento linguístico e o social. Do ponto de vista diacrônico, o pesquisador estabelece dois momentos sucessivos de uma determinada língua, descrevendo-os e distinguindo as variantes que estão em desuso. Do ponto de vista sincrônico, aborda tomando por base três pontos de vistas: diatópico, diastrático e estilístico (Trindade, 2021, p. 52)

Assim, a sociolinguística busca analisar e sistematizar as variações linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala, tendo sempre em mobilização os fatores internos e externos que condicionam o funcionamento de qualquer língua natural, caracterizada pela dinâmica, tanto a nível sincrônico, assim como diacrônico.

Por sua vez, este estudo toma uma perspectiva sincrônica na medida que pretende descrever o fenômeno da colocação dos clíticos pronominais em complexos verbais a partir do presente referente a um contexto temporal específico.

O *corpus* do artigo foi constituído com base em falas extraídas de 3 vídeos de 3 programas televisivos, sendo um da cidade de Maputo (Sul) com duração de 2h e outros dois da cidade de Nampula (Norte) com a duração de 1h30min. No vídeo com duração de 2h considerou-se a fala de 4 participantes, e nos vídeos com duração de 1h30min, em um considerou-se a fala de três (3) participantes, e no outro considerou-se a fala de um participante em função da possibilidade do controle do perfil do informante. Desta feita, em função da possibilidade do controle do perfil, considerou-se um total de 8 informantes (4 por cada cidade) para a constituição da amostra da pesquisa.

A teoria laboviana considera que qualquer fenômeno sob investigação deve ser visto como encaixado no sistema linguístico, elucidando a natureza e extensão desse encaixamento na estrutura linguística; como também na estrutura social.

Nisso, é importante a mobilização de vários fatores internos e externos nos estudos de linguagem, para analisar e sistematizar as variações linguísticas usadas por uma comunidade de fala. Dessa feita, consideramos como fatores externos a região (cidade), sexo, idade e escolaridade para compreender a natureza de encaixamento do fenômeno dentro dessas comunidades de fala.

Tabela 1 – Distribuição das variáveis extralingüísticas/sociais.

	Cidade		Sexo		Idade		Escolaridade	
	Sul	Norte	M	F	Faixa-I	Faixa II	Média	Superior
Valores Absolutos	4	4	5	3	24-30	37-41	3	5
Percentuais	50%	50%	62,5%	37,5%	62,5%	37,5%	37,5%	62,5%

Fonte: Elaboração própria.

E controlamos as seguintes variáveis internas/linguísticas, inspirados pelos trabalhos de Vieira, S. (2002); Vieira, F. (2011); Vieira, F. (2016); i) o tipo de clítico, ii) tipo de oração, iii) presença ou não do elemento proclisador; iv) distância entre V-CL ou CL-V e um possível elemento antecedente, pessoa, tempo e; v) o tipo de estruturas verbais complexas.

A análise e interpretação dos dados fizemos fundamentalmente a partir dos valores absolutos e percentuais. É, ainda, pontual salientar que se trata de uma pesquisa exploratória, descritiva, quantitativa e qualitativa.

Ao estudar o fenômeno da ordem pronominal em estruturas complexas, na modalidade oral, surgem grandes debates sobre a posição exata do clítico no interior do CV. Segundo Vieira, F (2016) não se pode determinar, pela simples audição dos enunciados, que, em um enunciado como “*pode me dar*”, a forma “*me*” esteja ligada ao *<pode>* ou ao *<dar>*.

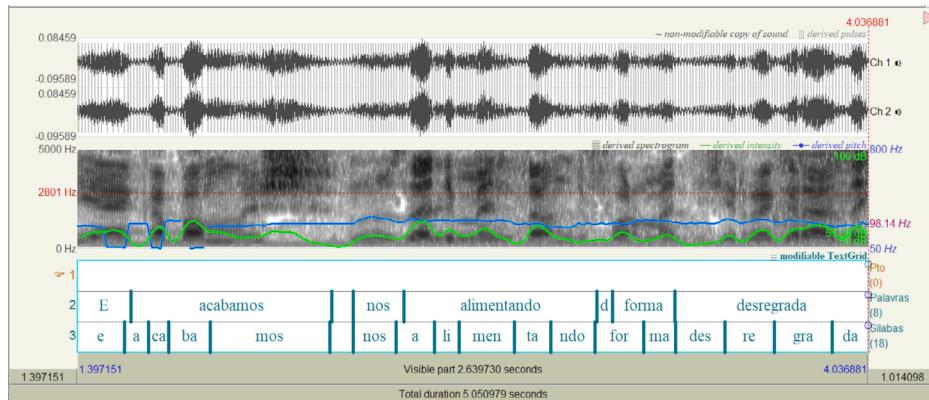
Ainda Vieira, F. (2016) explica que na variedade do PE se opta sistematicamente pela adjacência do pronome a v1, ou seja, “supõe-se que a ligação do pronome se efetive em relação a v1 e não a v2” (Vieira, F. 2016, p. 5). Nesse sentido, na variedade europeia, o clítico no interior do CV é produtivo com ênclise a v1, diferentemente da variedade brasileira na qual autores como Carneiro (2016); Vieira, F. (2016); Vieira e Vieira(2018); Araújo e Silva (2019), observam uma próclise generalizada a v2. Porém, nas variedades africanas do Português a problemática ganha mais expressão por terem a variedade europeia do português como norma-padrão.

Desta feita, antes de avançarmos com a apresentação e discussão dos dados, é importante comentarmos sobre alguns pontos que nos ajudam a nos posicionarmos sobre a ordem do clítico no interior do CV.

De acordo com Vieira, S. (2008, p. 6) alguns parâmetros acústicos (duração, intensidade) sugerem uma certa posição do clítico no interior do CV, pelo que a sua observação pode ser importante.

Nessa perspectiva, embora o estudo não tenha exclusividade de fazer uma análise acústica, fizemos algumas experimentações no Praat com foco na duração e intensidade da propagação das ondas sonoras. Abaixo temos demonstrações de algumas experimentações feitas.

Imagen 1 – Resultado de análise de alguns dados do corpus no Praat



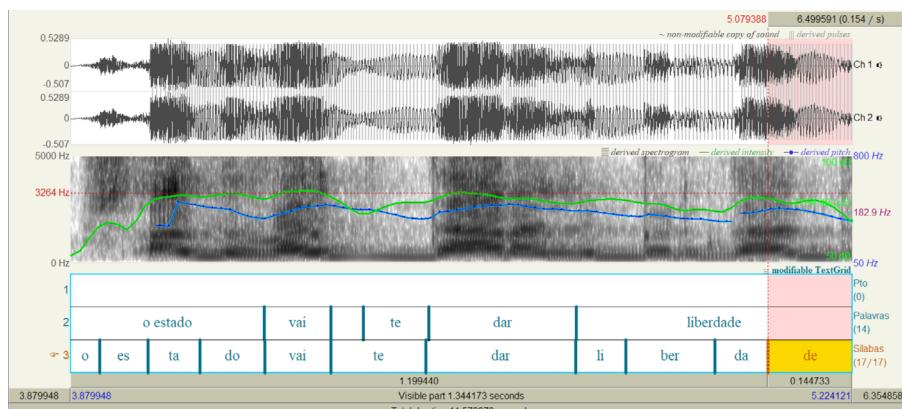
Fonte: elaboração própria.

Conforme a Figura 1, que traz a demonstração do comportamento sonoro e a visualização da fragmentação dos segmentos da fala “(4) *e acabamos nos alimentando de forma desregrada - Fi, I-FN*” no espectrograma, observamos que a propagação das ondas sonoras da articulação entre as palavras “acabamos” e “nos” está separada por uma pausa breve. A pausa é marcada pela linha fina que traduz o silêncio, que permite a separação entre o VAux e o clítico, e a possível aproximação deste último à direita.

Ademais, observamos que em estruturas complexas em que ocorre a forma pronominal nos - como em (4) *E acabamos nos alimentando de forma desregrada e não prestamos atenção nos principais sintomas da diabetes que são esses que eu acabei de dizer, [...]* - Fi, I-FN - não é feita a supressão da última consoante fricativa, alveolar, - Voz [ʃ] presente no sufixo flexional (-mos), que ocorre em forma verbal flexionada na 1<sup>a</sup> pessoa do plural (acabamos), o que levou a não colocação do hífen, sempre necessário com a elisão da última consoante do sufixo flexional (-mos) à luz da variedade do PE, ao anteceder o clítico. Tal cenário leva-nos a fundamentar a favor da ocorrência do clítico proclítico a v2.

As pausas entre o VAux e o clítico ocorrem em vários exemplos do nosso *corpus*, como no exemplo “(5) *o estado vai te dar liberdade [...]*”, conforme evidenciado na figura a seguir.

Imagen 2 – Resultado da experimentação da análise acústica no Praat



Fonte: Elaboração própria.

A Figura 2 mostra que há quase sempre na fala moçambicana uma pausa entre a articulação do VAux e o clítico no CV, marcada pela linha fina e menos preta, que traduz a inexistência da voz nessa parte, senão apenas ruído que não chega a atingir a intensidade de uma voz humana.

Outro dado não menos importante que observamos nos dados analisados, é que as estruturas complexas que apresentam a partícula “a” no interior (indicando uma ação contínua) e um verbo no infinitivo para formar o presente progressivo (equivalente ao gerúndio no PB), o clítico apresenta-se sempre hospedado a v2 ([6] *Então, o que eu estou a te dizer* é: *eu não estou a dizer que o meu país não tem problemas, meu país está cheio de problemas. Mas se tu jovens achares que a solução é apontar dedo a Frelimo, apontar dedo a Renamo, tu já falhaste* – Fii, I-BM).

Ademais, Mapasse (2005) atestou - na sua tese de doutorado, na qual trabalhou com colocação pronominal na variedade moçambicana do Português mobilizando a modalidade oral e escrita – que na modalidade escrita os participantes não fizeram a colocação do hífen no verbo auxiliar ligando o clítico, o que pode ratificar a ideia de este estar realmente hospedado a v2 e não a v1, conforme sucederia na norma-padrão.

## 5 Apresentação e discussão dos dados

Com a descrição e sistematização dos dados, confirmamos a observação de Vieira (2003), segundo a qual os complexos verbais apresentam poucas ocorrências em relação às lexias simples que são mais produtivas na fala cotidiana.

Assim, nos dados dessa pesquisa foi observado um total de 100 ocorrências de complexos verbais, formados por um ou dois verbos auxiliares. Sendo apenas três dados com 2 verbos auxiliares, todas em construções com verbo principal no infinitivo (*eu irei continuar a trabalhar, irei continuar a proporcionar-vos momentos de boa vibe* -Fii I-AM).

Nos complexos verbais com apenas duas formas verbais, os verbos auxiliares - uma vez sendo as formas funcionais - a sua flexão está distribuída entre o modo indicativo e subjuntivo, nos tempos de presente (indicativo), pretérito perfeito (indicativo) e pretérito imperfeito (subjuntivo), porém, observa-se também alguns no infinitivo (como em: *Posso sentar na minha casa e estar a dedicar-me especialmente ao programa Pé da Letra* – Fi, I-DM). E nos contextos com mais de um verbo auxiliar, o primeiro na ordem linear é que se encontra flexionado, e o segundo permanece no infinitivo (*o que estamos a tentar te dizer* é que Moçambique não está totalmente independente. Fi, I-DM).

Em função do verbo principal, das 100 ocorrências, foram observadas 2 (2%) com verbo principal no particípio, 2 (2%) no gerúndio e, com maior produtividade, 96 (96%) no infinitivo.

Nas duas ocorrências no particípio, o clítico está hospedado ao verbo auxiliar (uma na posição enclítica em contexto sem operador de próclise; e a outra na posição proclítica devido à ocorrência de uma categoria negativa), conforme demonstramos em (4) e (5):

- (7) *Esta mensagem que está sendo profanada, para mim é uma mensagem que não se pode sob ponto de vista nenhuma ser difundida. O que está acontecer é que nós temos crianças que estão a usar redes sociais.* (Fi, I-DM)

- (8) [...] mas por cada cliente **ter-se estar sentado** em casa e sem com que fazer, ou sem como iniciar o que a Renan quer fazer, vai colocar um emoji de riso. (Fii, I-AN)

Nas ocorrências com verbo principal gerundivo, o clítico está na posição intra-CV com próclise ao verbo principal ([4] *As diabetes tipo 2 são assintomática por se verificar na fase adulta e acabamos nos alimentando de forma desregrada* [...] Fi, I-FN).

Essas observações parecem confirmar a descrição de Mateus *et al.*, (2003, p. 25) segundo a qual “quando o verbo principal está no particípio ou no gerúndio, o clítico aparece obrigatoriamente proclítico ao verbo auxiliar/principal ou enclítico ao verbo auxiliar”.

Observando-se maior produtividade de complexos verbais com verbo principal ou temático infinitivo (96 = 96%), atentamos exclusivamente a elas por forma a compreendermos as variantes decorrentes em relação à ordem pronominal.

## 5.1 A ordem pronominal em complexos verbais com verbo temático infinitivo

A distribuição das ocorrências pelas duas cidades consideradas nesse artigo e pelas variantes posicionais relativas à ordem pronominal em complexos verbais, registra-se na Tabela 2:

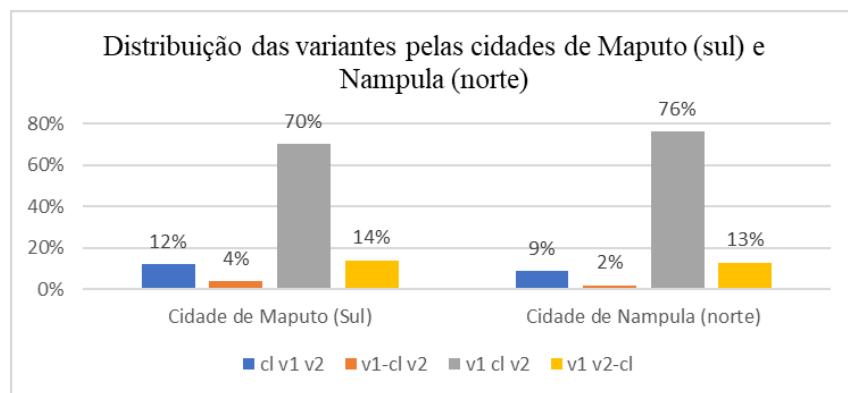
Tabela 2 – Distribuição dos padrões de colocação pronominal, nas duas cidades

	Cidade de Maputo (Sul)		Cidade de Nampula (Norte)		Total	
	Ocorrências	Percentual	Ocorrências	Percentual		
cl v1 v2	6/51	12%	4/45	9%	10-10%	96-100%
v1-cl v2	2/51	4%	1/45	2%	3-3%	
v1 cl v2	36/51	70%	34/45	76%	70-73%	
v1 v2-cl	7/51	14%	6/45	13%	13-13%	

Fonte: Elaboração própria.

A distribuição da Tabela 2 permite-nos observar a variante mais produtiva ou preferencial nas duas cidades, e isso pode-se melhor visualizar através da representação gráfica a seguir:

Gráfico 1 – A ordem pronominal em complexos verbais nas duas cidades



Fonte: Elaboração própria.

Com os dados apresentados através da Tabela 2 ou Gráfico 1, fica nítido observar que a variante intra-CV com próclise ao verbo principal é a que mais ocorreu nas duas cidades, o que nos licencia a afirmarmos que esta constitui a variante/ordem pronominal (v1 cl v2), nos complexos verbais, produtiva e preferencial para os falantes considerados nas duas cidades (Maputo e Nampula). Segue a variante pós-CV (v1 v2-cl), depois a variante pré-CV (cl v1 v2) e, por último, a variante intra-CV com ênclide ao verbo auxiliar, uma variante que, segundo Vieira, F. (2016), é a mais produtiva na variedade europeia que até então vigora como padrão em Moçambique.

Destarte, de modo a compreendermos os fatores determinantes na ordem pronominal em complexos verbais nas duas cidades, assim como os contextos frásicos e morfossintáticos que favorecem/desfavorecem determinadas ordens, a seguir passamos a sistematizar os resultados focando no grupo dos fatores.

### a) Tipos de clíticos

No âmbito dos estudos de ordem pronominal, Vieira, F. (2016) destaca a necessidade de se considerar as formas pronominais para a sistematização do comportamento das variáveis linguísticas. Assim, considerando essa variável, importa referir que no *corpus* analisado há predominância dos clíticos **me, te, se, nos** e **lhe**. E relativamente aos clíticos complementos **a** e **o**, não observamos nenhuma ocorrência.

Tabela 3 – Distribuição das três variantes segundo o tipo de clítico nas duas cidades – Complexos verbais

Cidade	Tipo de clítico								Total
	Ordem	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	
Me e nos	3-13%	2-8%	18-75%	1-4%	0	0	12-100%	0	36-37%
Te e lhe(s)	0	0	20-100%		1-20%	0	3-60%	1-20%	25-26%
Vos			2-50%	2-50%	0	0	0	0	4-4%
Se reflexivo	2-14%		9-64%	3-22%	2-13%	1-7%	7-47%	5-33%	29-30%
Formas contraídas	0	0	2-100%	0	0	0	0	0	2-2%
Total	5-5%	2-2%	51-53%	6-6%	3-3%	1-1%	23-24%	6-6%	96-100%

Fonte: Elaboração própria.

Com a tabela 3, é possível observarmos que a variante intra-CV com próclise ao verbo principal é a mais produtiva com todo tipo de clítico nas duas cidades, e ela parece ocorrer em todas as variáveis, desde as linguísticas até as sociais, como se pode observar nos exemplos:

- (9) *Pena que o meu telefone está tão partido que não posso vos mostrar. Mas eu falei com cunhado hoje ao celular logo que estas imagens me caíram. Eu liguei para o cunhado, e perguntei: cunhado, o que se passa, estamos preocupados, o que se passa? (Fii, I-AM)*
- (10) *Eu definitivamente, definitivamente. eu vou lhes dizer uma coisa, eu me vejo muito nos seus comentários, porque aqui nós não estamos a discutir Partidos, não estamos a discutir nenhuma, estamos a discutir propostas, e é exatamente isso. (Fi, I-DM)*
- (11) *[...] influenciamos as mulheres que devem se empoderar de uma maneira mais prática e simples, fazendo negócios, muitas outras coisas, ganharem independência financeira. (Fi, I-CN)*
- (12) *[...] tu vais ouvir por exemplo a Maria já é uma granda advogada em Nampula. Eu te pergunto... e olha que tu vais te perguntar, porque que a Maria aquela que veio de lá de baixo se tornou granda advogada. (Fi, I-AN)*

Segue a variante pós-CV (12%) em quase todas as formas clíticas quando juntadas com as ocorrências das duas cidades. As poucas ocorrências da variante pré-CV parecem depender de elementos proclisadores e associadas ao nível de escolaridade do informante. As formas contraídas estão em número de duas ocorrências (*nós dependemos de várias questões aqui, então não está sa afirmar categoricamente que Moçambique está independente* (Fi, I-DM)

Assim, com essas considerações surge a necessidade de compreender, através de valores absolutos e percentuais apresentados na tabela a seguir, o comportamento da colocação pronominal segundo a presença e ausência de elementos intervenientes no CV.

### b) Presença e ausência de elementos intervenientes no complexo verbal

Esta constitui uma variável bastante determinante para a variação entre ênclise ou próclise na colocação dos clíticos pronominais nas sentenças.

Tabela 4 – Distribuição das três variantes segundo a presença e ausência de elementos intervenientes no CV

Presença e ausência de elementos intervenientes no CV										
Cidade	Cidade de Maputo (Sul)				Total	Cidade de Nampula (Norte)				Total
	Ordem	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	
Presença	6-26%	1-4%	14-61%	2-9%	23/35	3-25%	0	7-58%	2-16%	12/35
Ausência	0	2-5%	30-75%	8-20%	40/61	1-5%	1-5%	14-66%	5-24%	21/61
Total	6-6%	3-3%	44-46%	10-10%	63/97	4-4%	1-1%	22-23%	7-7%	96-100%

Fonte: Elaboração própria.

Com a tabela 4, podemos observar que, nas duas cidades da variedade moçambicana, a variante pré-CV quase sempre depende da presença de elementos proclisadores, pois, na ausência deles, ela não é produtiva, tanto que nos dados da cidade de Maputo não houve sequer uma ocorrência em que o clítico estivesse na posição proclítica sem nenhum atrator; enquanto na cidade de Nampula apenas encontramos um dado nessas condições, o que julgamos ser pouco significativo. E isso é característico da variedade europeia, conforme lemos em Brito; Duarte e Mattos (2003) que a posição proclítica é induzida por fatores de natureza sintático-semântica ou prosódica (fazendo parte desses fatores, elementos como categoria negativa, conjunções, algumas preposições que funcionam como proclisadores).

Com maior produtividade lidera o ranking a variante “v1 cl v2” em ambas cidades, tanto em contextos com presença (22 – 33%), como com ausência (44 – 67%) de categorias proclisadoras. E essa corresponde a uma particularidade da variedade moçambicana em detrimento da norma europeia, pois nesta, a próclise ao V2 é condicionada pela presença de alguns elementos no interior do CV, como é o caso das preposições *de* e *por*, nas quais ocorre obrigatoriamente a posição proclítica ao verbo principal (Vieira e Vieira, 2018), e na ausência destes licencia-se a ênclise tanto no v1, como no v2, como também se permite a ênclise ao v2 na presença de atrator na posição pré-CV.

Assim, nos dados analisados e em contextos sem proclisadores, a ênclise ao V2 ocorre em um total de 13-21% e de 3-5% ao v1 de valores absolutos e percentuais, respectivamente. Assim, observa-se que a ênclise ao v1, neste âmbito, teve menos produtividade.

Do contrário, a produtividade da variante v1 cl v2, parece não dar relevância a variáveis como o tipo de oração, a distância entre V-CL ou CL-V, pois, em orações subordinadas em que estão presentes algumas conjunções com função de atratores na colocação dos clíticos, ela se mostra ainda efetiva, como também a existência de certos constituintes entre cl e v ou v e cl que traduz uma certa distância entre V-CL ou CL-V, parece não desfavorecer a variante v1 cl v2 nos dados analisados.

Relativamente às variáveis sociais, para além da região (cidade) que a sua distribuição numérica já vem sendo explicitada nas variáveis linguísticas discutidas neste texto, o que permitiu observar um comportamento semelhante em relação à efetividade de uma variante, sistematizamos os resultados através da Tabela 5 para explicar o comportamento da colocação pronominal segundo as variáveis de escolaridade, idade e gênero.

Tabela 5 – Distribuição das variantes segundo as variáveis sociais

Escalaridade					
Ordem	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	Total
Ordem	cl v1 v2	v1-cl v2	v1 cl v2	v1 v2-cl	Total
Méd.	6-6%	0	25-78%	5-16%	32
Sup.	9-14%	3-5%	43-67%	9-14%	64
Total	11-11%	3-3%	69-71%	14-14%	96
Idade					
F-I	8-15%	1-2%	32-60%	12-23%	53
F-II	3-7%	2-5%	36-83%	2-5%	43
Total	11-11%	3-3%	69-71%	14-15%	96
Gênero					
H	7-10%	3-4%	50-72%	9-13%	69
M	3-11%	0	19-70%	5-19%	27
Total	10-10%	3-3%	70-72%	14-15%	96

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com Beline (2010), “em falantes da mesma língua, a situação de fala ou registro, e ainda o nível socioeconômico do falante (escolaridade, socialização) podem ser determinantes na variação”.

E, de fato, ainda que com margens mínimas, nos falantes com nível de escolaridade superior, conforme a Tabela 5 apresenta, houve uma certa distribuição percentual maior entre as variantes em relação aos dados dos falantes com nível de escolaridade média, nos quais houve maior concentração de ocorrências (79%) na variante v1 cl v2. Tanto que, as poucas ocorrências de próclise a v1 devido a presença de elementos proclisadores ([13] a dificuldade que temos estado a enfrentar em Moçambique é uma verdade incontornável que não se pode tapar pela peneira – Fi, I-DM), foram observadas nas falas dos informantes com escolaridade superior, tal é o caso da fala que aqui nos serve de exemplo, que é formado em jornalismo, sendo ainda poeta, declamador e apresentador de programa televisivo sobre literatura moçambicana.

Todavia, tanto no nível médio, quanto superior registra-se a produtividade da variante intra-CV com próclise ao verbo principal, tal como decorre nas demais variáveis consideradas neste estudo.

No âmbito do estudo da variação, enquanto estágio que pode resultar em mudança, a idade permite compreender as tendências para uma mudança linguística, onde se atesta que quando ela mais se mostra na faixa menor que pode corresponder aos mais jovens, pode ser um forte indicador da tendência de mudança. Todavia, nas duas faixas consideradas nesse estudo, houve uma distribuição entre as quatro variantes, que alcança índices aproximados, e sempre a variante v1 cl v2 a mais produtiva, o que parece mostrar uma tendência de consolidação dessa ordem de colocação pronominal em complexos verbais na variedade moçambicana.

E o mesmo ocorre na distribuição das variantes segundo o gênero, isto é, houve, entre os homens e mulheres uma distribuição, nas quatro variantes, que alcança índices aproximados. Embora se costume dizer que as mulheres têm uma linguagem mais polida do que os homens e “usam menos formas estigmatizadas do que os homens e são mais sensíveis do que eles ao padrão de prestígio” (Labov, 1972c, p. 243 *apud* Tagliamonte 2012, p. 30), nos dados analisados houve uma distribuição equilibrada, tanto que na variante que tem se mostrado produtiva houve uma distribuição de 72% para os homens e 71% para as mulheres, um percentual bastante equilibrado.

Esse comportamento linguístico generalizado na colocação pronominal em CV pode ser explicado pela ausência de avaliações negativas em relação a essa variação em Moçambique. Sendo assim, o uso da variante intra-CV com próclise a V2 não é rejeitado, inclusive entre falantes com formação superior, o que reforça a sua aceitabilidade por parte de maior parte da população moçambicana. Além disso, a falta de familiaridade com os padrões formais de colocação em CV pensamos que pode contribuir para a ausência de autocensura, resultando nesses índices altos do clítico intra-CV.

Portanto, com a distribuição feita nas variáveis linguísticas e extralingüísticas/sociais controladas, comprehende-se que em todas, a variante intra-CV com próclise ao v2 (v1 cl v2) chama atenção pela sua produtividade, independentemente do contexto morfossintático ou dos elementos presentes na sentença, embora na variedade que vigora como padrão em Moçambique, essa ordem ocorra em contextos bem restritos como a presença de categorias proclisadoras no interior do CV.

Desta feita, essa produtividade, tanto de acordo com o tipo de clítico, tipo de oração, presença ou não do elemento proclisador: iv) distância entre V-CL ou CL-V ou tipo de estruturas verbais complexas, quanto de acordo com a região (cidade), sexo, idade e escolaridade dos participantes considerados neste texto, interpretamos como uma tendência da consolidação dessa variante variável na variedade moçambicana, transformando-se numa ordem pronominal com certo encaixamento na estrutura linguística e social, podendo estar a propiciar uma mudança na variedade moçambicana do Português.

## 6 Considerações finais

Nesse estudo, tínhamos o objetivo de analisar a variação da ordem pronominal em complexos verbais no Português falado em Moçambique, através do *corpus* constituído com base em falas extraídas de 3 vídeos de 3 programas televisivos da cidade de Maputo (Sul) e cidade de Nampula (Norte), onde foi crucial a sistematização dos dados, segundo determinadas variáveis linguísticas e sociais.

Quanto às variáveis linguísticas consideradas (tipo de clítico, tipo de oração, presença ou não do elemento proclisador, distância entre V-CL ou CL-V e tipo de estruturas verbais complexas), importa referir que houve uma distribuição entre as quatro variantes possíveis em complexos verbais (cl v1 v2, v1-cl v2, v1 cl v2, v1 v2-cl), no entanto, com maior produtividade da variante v1 cl v2.

O mesmo sucedeu quanto às variáveis sociais (cidade [região], sexo, idade e escolaridade). Porém, percebemos que os falantes com nível de escolaridade superior apresentam índices um pouco mais significativos de contextos de conformidade com a norma europeia,

quando comprados com os de escolaridade média, o que pode sugerir a ideia de que o nível de escolaridade contribui no freamento da variação, embora também tenham mostrado a produtividade da variante v1 cl v2.

Portanto, a variação da ordem pronominal em complexos verbais no Português falado em Moçambique que se reflete por meio da produtividade da variante intra-CV com próclise ao verbo temático infinitivo independentemente do contexto morfossintático, apresenta um grau de encaixamento bastante significativo na matriz linguística e social, que nos leva a pensarmos numa possível mudança em curso na variedade moçambicana em detrimento da norma europeia que vigora como padrão em Moçambique.

## **Declaração de autoria**

A Contribuição dos autores foi: Bento Orlando Mutoba, na qualidade de autor principal, produção de dados, análise e interpretação dos mesmos, redação do texto e revisão; e Profa. Dra. Norma Lucia Fernandes de Almeida, na qualidade de coautora, discussão e decisões metodológicas, discussão dos dados e revisão do texto.

## **Agradecimentos**

Na produção deste artigo, agradecemos à Profa. Dra. Huda Silva Santiago pelas discussões que suscitarão a ideia da produção deste artigo e pela avaliação do mesmo na disciplina de Linguística Histórica; à colega, Lara da Silva Cardoso pelas discussões iniciais sobre a temática; e ao nosso amigo, Arcedes José Manuel pela leitura final do texto.

## **Referências**

- ARAÚJO, S. S. F.; SILVA, M. C. A. *A Sintaxe dos Pronomes clíticos no Português em Feira Santana-BA: Uma comparação com o Português luandense*, MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI, Crato, v. 8., n. 2., p. 563-584, 2019. DOI: <https://doi.org/10.47295/mren.v8i2.1961>
- BELINE, R. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz. (org.). *Introdução à linguística: Objetos teóricos*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2022. p. 121-140.
- BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Tipologia e distribuição das expressões nominais. In: MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Tradução: 5 ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 795-867.
- CARNEIRO, Z. O. N. Colocação de clíticos em orações finitas em duas vertentes do português oral feirense: um contexto não variável. In: ALMEIDA, N. L. F. et al (Org.). *Variação Linguística em Feira de Santana – Bahia*. Feira de Santana: UEFS Editora, 2016, p. 141-174.
- GONÇALVES, P. A génese do português de Moçambique. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S.A, Lisboa, 2010.

- GONÇALVES, Perpétua. *Português de Moçambique: problemas e limites de padronização de uma variante não-nativa*. Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2005.
- MAPASSE, E. L. A. *Clíticos pronominais em Português de Moçambique*. 2005. 166 f. Dissertação (Mestrado em linguística), Faculdade de Letras, Departamento de linguística Geral e Romântica, Universidade de Lisboa, 2005.
- MARTINS, A. M. A colocação dos pronomes clíticos em sincronia e diacronia. In: MARTINS, A. M.; CARRILHO, E. (org.). *Manual de linguística portuguesa*. Berlim/Boston: DeGruyter, 2016. p. 401-428.
- MATEUS, M. H. M. et alii. *Gramática da língua portuguesa*. 6ª edição. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.
- MENDES, I. *Da neologia ao dicionário: o caso do Português de Moçambique*. Maputo, Texto Editores, 2010.
- MUTOBA, B. O.; ALMEIDA, N. L. F. *Análise variacionista do Português de Moçambique a partir da Música Kizomba: o caso de pronominalização “desviada” e ordem pronominal*. *Macabéa –Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 4, p. 31-51, 2023. DOI: 10.47295/mren.v12i4.1254
- NGUNGA, A. Interferências de Línguas Moçambicanas em Português falado em Moçambique, 1ª ed. Centro Estudos Africanos, Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique, 2012.
- NGUNGA, A. *Introdução à Linguística Bantu*, 2ª ed., Editor Imprensa Universitária (Universidade Eduardo Mondlane), Maputo, 2004.
- NHATUVE, D. *Reflexão sobre a normatização do português de Moçambique*, Universidade de Coimbra, Portugal, 2017.
- TAGLIAMONTE, S. Social Patterns. In: TAGLIAMONTE, S. *Variationist sociolinguistics: change, observation, interpretation*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2012. p. 25-70.
- TIMBANE, A. A. *A variação linguística e o ensino do português em Moçambique*, *Confluência: revista do instituto da língua portuguesa*, Nº 43 – 2º semestre de 2012, Rio de Janeiro, p. 261-2842012.
- TRINDADE, M. A. A. S. *Uma viagem sociolinguística pelas veredas do sistema de pronomes possessivos no português falado em luanda-angola*. 2021. 115 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2021.
- VIEIRA, M. F. *A ordem dos clíticos pronominais nas variedades urbanas europeia, brasileira e são-tomense: uma análise Sociolinguística do Português no início do século XXI*. 2016. 238f. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.
- VIEIRA, M. F. *A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no português europeu oral contemporâneo: uma investigação sociolinguística*. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.
- VIEIRA, S. R. *Análise de variedades do Português: a ordem dos clíticos em complexos verbais*. UFRJ. Texto apresentado no Congresso Internacional da ABRALIN, 2003 Disponível em <<https://www.catedraportugues.uem.mz/storage/app/media/bibliografia/silviarvabralin2003b.pdf>> Acessado aos 08 de fevereiro de 2024.
- VIEIRA, Silvia Rodrigues. *Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português*. 2002. 448 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Rio de Janeiro, 2002.

VIEIRA, S. R. *O complexo comportamento da ordem dos clíticos em complexos verbais*. CELSUL, Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

VIEIRA, S. R.; CORRÊA, C. M. M. L. *Colocação pronominal no Português do Brasil*: a contribuição de estudos de percepção auditiva. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 52, p. 87-96, jan. 2017. DOI: [https://doi.org/10.15448/1984-7726.2017.1.25277](https://doi.org/https://doi.org/10.15448/1984-7726.2017.1.25277).

VIEIRA, S. R.; VIEIRA, M. F. A ordem dos Clíticos Pronominais no Português de São Tomé e Português de Moçambique. In: BRANDÃO, S. *Duas Variedades Africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2018. p.277-320.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. A língua como um Sistema diferenciado: Princípios empíricos para a teoria da mudança linguística. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria de Mudança Linguística*. Tradução: Marcos Bagno. 1 ed. v. 4, São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 87-125.